

ESTUPRO MARITAL OU DÉBITO CONJUGAL? ENQUADRAMENTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA TELENVELA O OUTRO LADO DO PARAÍSO*

DANIELLE SILVA PEIXOTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL
DANIELLESPEIXOTO@GMAIL.COM

*Resultado de trabalho apresentado no GT Estudos de Cinema e Audiovisual, do XII Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais - Eco-mig 2019, realizado nos dias 11 e 12 de outubro de 2019, em Mariana/MG.

ESTUPRO MARITAL OU DÉBITO CONJUGAL? ENQUADRAMENTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA TELENOVELA O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar quais os quadros de sentido podem ser apreendidos na telenovela *O Outro Lado do Paraíso* a partir da representação da cena de violência sexual. O método de análise da situação interativa foi utilizado para apreensão destes quadros de sentido. Os achados revelam que os elementos propostos para construção da representação da cena de núpcias acionam quadros primários de nossa cultura e configuram, dentro da obra, a situação de violência sexual, conhecida como estupro marital.

Palavras-chave: Telenovela; Representação; Enquadramento; Violência Doméstica.

¿VIOLACIÓN MARITAL O DÉBITO CONJUGAL? ENCUADRAMIENTO DE LA VIOLENCIA DOMÉSTICA EN LA TELENOVELA O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar qué marcos se pueden aprehender en la telenovela *O Outro Lado do Paraíso* a partir de la representación de la escena de violencia sexual. Se utilizó el método de análisis de situaciones interactivas para la aprehensión de estos marcos de significado. Los hallazgos revelan que los elementos propuestos para la construcción de la representación de la escena nupcial desencadenan marcos primarios de nuestra cultura que configuran, dentro de la obra, la situación de violación marital.

Palabras clave: Telenovela; Representación; Encuadramiento; Violencia Doméstica.

MARITAL RAPE OR CONJUGAL DEBIT? FRAMEWORKS OF DOMESTIC VIOLENCE IN THE SOAP OPERA O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Abstract: The objective of this article is to analyze which frameworks can be apprehended in the soap opera *O Outro Lado do Paraíso* from the representation of the sexual violence scene. The analysis of the interactive situation is the methodology used to apprehend these framings. The findings reveal that the elements proposed for the construction of the representation of the nuptial scene trigger primary frameworks of our culture that configure, within the soap opera, the situation of sexual violence, known as marital rape.

Keywords: Soap opera; Representation; Framework; Domestic Violence.

1 INTRODUÇÃO

Brasil, 2021: a mídia noticia diariamente casos de violência de gênero. Casos de feminicídio e de violência doméstica são ainda muito frequentes em nossa sociedade e infelizmente, essa dor é sentida por mais de 27% das mulheres brasileiras acima de 16 anos. Em pesquisa realizada pelo Fórum de Segurança Pública (2019), 76,4% das mulheres entrevistadas declararam que conheciam seus agressores, sendo 23,8% companheiros, 15,2% ex-companheiros; 42% das mulheres foram agredidas dentro de suas casas. Segundo dados da pesquisa *Violência doméstica contra a mulher na pandemia*, realizada em 2020, 49% dos entrevistados acreditam que ficou mais difícil para a mulher denunciar durante a pandemia; 37% das mulheres entrevistadas afirmam já ter sofrido violência doméstica; e para 87%, a pandemia fez com que essa violência aumentasse. Esse é o lugar da violência doméstica no Brasil.

A questão da violência de gênero tem sido bastante relevante e presente no debate público, promovendo reflexões como base tanto para a implementação de políticas públicas efetivas para sanar a violência quanto para a aplicação da legislação vigente contra a violência de gênero. Neste cenário, a Lei Maria da Penha¹, que tem como objetivo coibir a prática da violência doméstica, e a Lei do Feminicídio², que visa a combater o homicídio de pessoas do sexo feminino, se apresentam como importante conquista para a proteção da mulher em situação de violência.

Em todo o mundo, os meios de comunicação ocupam lugar relevante nas dinâmicas culturais contemporâneas. Essa discussão encontra corpo nos estudos sobre midiatização, com especial colaboração de Muniz Sodré. Para ele, a interação entre sujeitos e mídias institui novas formas de sociabilidade, em um contexto de midiatização, o que acaba por constituir uma cultura midiatizada (BARROS, 2012), na qual estamos inseridos. Nesse sentido, no contexto brasileiro, a televisão e seus produtos têm papel importante nessa dinâmica mídia/sujeitos e na construção de sentido sobre as coisas do mundo. Ainda que novos meios surjam a todo momento nas sociedades

1 A Lei nº 11.340/2016, foi sancionada em 07 de agosto de 2006 e abrange cinco tipos de violência contra a mulher: física, sexual, moral, psicológica e patrimonial. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

2 A Lei 13.104/2015 transforma em crime hediondo homicídios praticados contra mulheres, motivados pela condição de gênero. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm

modernas, no Brasil, a televisão continua sendo uma das mais populares, presente em 97%³ do território nacional.

De informações a entretenimento, as programações televisivas estão cada dia mais variadas e híbridas. Enquanto objeto rico para a apreensão das representações do cotidiano, a telenovela pode ser percebida como um dos importantes espaços que possibilitam o debate de “assuntos de interesse público” pela sociedade brasileira, além de colaborar na construção de sentido coletivo, produção da memória nacional, com “registros do presente e resgates históricos” (JAKUBASZKO, 2019, p.27). Diversas cenas que representam o cotidiano das famílias brasileiras possibilitam que “os receptores se apropriem das mensagens a partir de suas práticas” (BACCEGA, ABRÃO, 2016, p.110).

Entre as emissoras de televisão no Brasil, a Rede Globo é a que tem a maior cobertura nacional, estando em 98%⁴ dos lares com televisão. Exibida às 21h, a telenovela *O Outro Lado do Paraíso*⁵ chegou a ser exibida em mais de nove milhões de domicílios. Assim, olhar para as formas como os quadros de sentidos são mobilizados na ficção é também dizer sobre o que entrará nas casas e nas conversações diárias, além das várias formas como os sujeitos podem se posicionar e compartilhar sentidos a partir destes quadros.

Partindo deste contexto aumentado da violência de gênero e da presente característica da telenovela como fenômeno comunicativo que busca representar faces da sociedade, este artigo se propõe a analisar quais os quadros de sentido acionados pela telenovela *O Outro Lado do Paraíso* a partir da representação da cena da noite de núpcias do casal Clara (Bianca Bin) e Gael (Sérgio Guizé), buscando resposta à pergunta o que está acontecendo aqui? Estupro marital ou débito conjugal?. Para tanto, será utilizado o método de análise da situação interativa (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), para verificar quais são estes quadros de sentido. Dessa forma, será feito um breve resgate do conceito de representação e enquadramento para, em seguida, realizar a análise do objeto empírico.

2 REPRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO

3 Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>

4 Dado disponível em: <http://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>

5 Novela produzida e exibida pela Rede Globo, no período de 23/10/2017 a 11/05/2018

O mundo está em constante transformação, assim como a nossa forma de ver este mundo que não nos é dada como definitiva e imutável. Através das interações sociais e do nosso agir no mundo, produzimos e atualizamos constantemente os sentidos acerca das coisas e sobre nós mesmos, incluindo nossas percepções e as atualizações sobre a violência contra a mulher, fortemente enraizada no machismo estruturante de nossa sociedade, com bases patriarcais, e que balizam as relações de gêneros contemporâneas. As discussões propostas pelos diversos feminismos, especialmente na discussão da interseccionalidade e da dicotomia público/privado (BIROLI, 2014), fundamentam as elaborações acerca da violência doméstica, objeto deste artigo.

Neste processo inter relacional, que promove constantes atualizações e novas produções de sentido no campo das interações simbólicas (por meio da linguagem) é que a cultura se constitui, pela produção de sentidos, no âmbito da linguagem (textos e representações) e nas práticas cotidianas dos sujeitos (FRANÇA; SIMÕES, 2015), possibilitando, assim, que os indivíduos interpretem o mundo de maneira semelhante, expressando e compartilhando seus sentimentos e ideias de modo que um compreenda o outro (HALL, 2003).

A linguagem constrói os significados por meio do sistema representacional: o uso intencional de signos e símbolos para transmitir (significar ou representar) para os outros nossos conceitos, ideias e sentimentos. É através da linguagem que estes elementos são representados na cultura: “a representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (HALL, 2016, p.18). Do ponto de vista dessa dinâmica de produção de sentidos e da relevância da comunicação e da linguagem na constituição da cultura, torna-se importante considerar a participação ativa dos fenômenos comunicativos neste processo circular de construção da realidade social. Assim, ao olhar para as interações entre mídia e sociedade, não tomamos estas duas como entidades autônomas e separadas. São sujeitos (em interação) que constroem os produtos midiáticos, se apropriando e ressignificando-os no contexto social, e produzindo sentidos que participam da configuração desse contexto (FRANÇA; LANA; SIMÕES, 2015, p.29).

Ocupando lugar importante na cultura nacional, a telenovela discute temáticas e constrói representações sobre a sociedade brasileira, gerando identificação com o público (FRANÇA, SIMÕES, 2003). É essa capacidade de

representação e identificação da telenovela que é relevante para pensar este objeto e como ele pode colaborar para a construção de sentido sobre temáticas antes negligenciadas e o reconhecimento de sujeitos muitas vezes invisibilizados pela mídia.

Para Stuart Hall, a representação se refere ao processo de uso da linguagem pelos sujeitos culturais para produzir sentido, para expressar alguma coisa ou representá-la para as pessoas. Assim, “a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” (HALL, 2016, p. 31). Nesse sentido, o autor concebe a definição tomando como base as funções da representação de descrever ou retratar, produzindo uma semelhança com algo; e a de simbolizar alguma coisa, se colocando no lugar dessa coisa. É assim que o sentido das coisas é apropriado pelo indivíduo que passa a ser capaz de expressar um pensamento e a se comunicar por meio da linguagem de modo que outros sujeitos sejam capazes de entender. Mas, para isso, é preciso que o mesmo código seja compartilhado entre os interlocutores. Para tanto, é operado o sistema de representação, que Hall (2016) apresenta como a junção da representação mental (mapas conceituais) e da representação pela linguagem (signos⁶) com vistas à construção de sentido.

Na perspectiva de Hall, o conceito de linguagem é central: ele é definido de forma ampla e inclusiva. Refere-se ao sistema escrito, falado, às imagens visuais, independentemente de sua forma de produção, as expressões faciais ou gestos, a linguagem da moda, dos semáforos, ou seja, “qualquer som, palavra, imagem ou objeto que funcione como signos, que sejam capazes de carregar e expressar sentido e que estejam organizados com outros em um sistema” (2016, p. 37).

Buscando a articulação entre sentido, linguagem e cultura por meio da representação, o sociólogo apresenta três abordagens da representação: 1) reflexiva, que diz que a linguagem apenas reflete um significado que já existe no mundo; 2) intencional, que diz que a linguagem apenas expressa o que o “falante” quer dizer, sendo ele produtor do significado, o que não capta a integralidade da representação, mas já inclui o sujeito como agente partícipe na construção do sentido; e 3) construtivista, que reconhece o “caráter público e social da linguagem” (HALL, 2016, p.49) e diz que o signi-

6 Para Hall (2016), signos indicam ou representam os conceitos e relações que carregamos entre eles em nossa mente e que são responsáveis pela construção do sistema de significados da nossa cultura.

ficado se constrói na e por meio da linguagem, não ignorando o mundo material, mas reconhecendo que o sentido é uma construção coletiva, sendo esta última a que Hall defende em sua perspectiva. Assim, a representação somente se dá em relação às formas concretas que o significado assume, sendo analisada no exercício da leitura e interpretação:

o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo Sistema de Representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem. (HALL, 2016, p. 41-42).

Desse modo, a telenovela, enquanto forma material, coloca em circulação as narrativas que podem servir de base para construção de sentidos, reforçando os sentidos existentes, modificando-os, ou até mesmo produzindo novos sentidos. E essa produção de sentidos se relaciona em sua base com outros sentidos fixados socialmente, como os valores e papéis sociais. E essa perspectiva que reflete sobre o papel da representação e da linguagem como constituidoras da existência do indivíduo e da cultura de uma sociedade será basilar para este trabalho.

3 ENQUADRANDO O OUTRO LADO DO PARAÍSO

Para este artigo, será empreendida a análise da sequência que retrata a agressão sexual sofrida por Clara (Bianca Bin), na noite de núpcias, exibida no dia 24/10/2017, e que insere e posiciona as personagens em relação à situação da violência, a partir das interações que se estabelecem dentro da trama ficcional. O núcleo que compõe a cena em questão é composto por: a) Clara: uma jovem inocente quando se trata de assuntos amorosos, que vive ao lado do avô, Josafá (Lima Duarte), em terras ricas em esmeraldas, no Jalapão; b) Gael (Sérgio Guizé): um homem bem humorado, mas de temperamento explosivo; herdeiro de uma família (supostamente) rica de Palmas e facilmente manipulado pela mãe.

Seguiremos, assim, com a descrição da cena para depois apresentar o método e o resultado da análise.

3.1 O Outro Lado do Paraíso: enredo

Escrita por Walcyr Carrasco, em 172 capítulos, a obra é ambientada no

Tocantins e tem sua trama principal livremente inspirada em *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Segundo o autor, a trama é ditada pela lei do retorno e da crença de que um dia a justiça chega para todos. Além da violência doméstica, temas como machismo, racismo, homofobia, pedofilia e corrupção também são abordados na obra.

A telenovela é dividida em duas fases, sendo a primeira exibida de 23 de outubro a 27 de novembro de 2017, e a segunda, de 28 de novembro de 2017 a 11 de maio de 2018. Na primeira fase, Clara, que vivia de maneira simples com seu avô, Josafá, conhece Gael, um rapaz sedutor, pertencente a uma família influente, e eles se apaixonam. A trama da primeira fase se desenrola entre o casamento de Clara e Gael, as cenas de uma relação possessiva e agressiva, a ambição da família de Gael, a crise no casamento, o nascimento do filho do casal, as preocupações de Josafá e as premonições de Dona Mercedes (Fernanda Montenegro). O fim desta fase é marcado pela internação de Clara em um hospício, como plano de sua sogra, Sofia (Marieta Severo), para se apropriar das terras da nora. Dez anos se passam e começa a segunda fase, marcada pelo plano de Clara de fugir do hospício, retomar a vida que lhe foi roubada e, já empoderada, se vingar daqueles que foram responsáveis por sua internação. No fim, Clara, já vingada, retoma a sua vida, o contato com sua família e termina feliz ao lado de Patrick (Thiago Fragoso), o homem que a apoiou durante todo seu plano de justiça/vingança.

3.2 Noite de núpcias: a cena

Clara e Gael estavam em sua festa de casamento, felizes, quando por uma cena de ciúmes, Gael ficou agressivo e acabou com a festa. Clara o repreendeu, ficou magoada, mas seguiram para o local da noite de núpcias. Essa cena anterior deu o gancho para mostrar o temperamento de Gael, preparando a cena para o que viria a seguir.

A caminho do local da noite de núpcias, o casal está abraçado e feliz. Clara encantada e Gael visivelmente bêbado. Eles chegam até o local e Clara olha para tudo admirada, Gael continua bebendo (nesse momento há um close up em Gael pegando mais uma garrafa de champagne, dando ênfase ao uso do álcool, para logo em seguida dar *close up* no rosto malicioso de Gael), conforme sequência da Imagem 1.

Imagem 1: Clara e Gael chegam ao local da noite de Núpcias



Fonte: Telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

Clara segue feliz, beija Gael e faz menção a colocar sua camisola para a noite de núpcias, quando ele arranca a camisola de suas mãos, a vira de maneira bruta e rasga o vestido, quase a estrangulando. Clara pede para ele parar, afirma que está a machucando, mas ele continua. A joga sobre o sofá e termina de rasgar o vestido enquanto ela o olha assustada. Ele a pega no colo, diz que a ama e a joga sobre a cama. Ela diz que está com medo, ele arranca a própria roupa e a manda calar a boca enquanto se joga sobre ela, conforme Imagem 2.

Imagem 2: Gael é violento com Clara



Fonte: Telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

De maneira violenta, ele a domina e consoma o ato. As cenas se embaçam, super closes em seus rostos, Gael sentindo prazer, e Clara atônita e com expressão de dor. Depois de um tempo, ela não consegue oferecer resistência. Essas cenas se misturam com as cenas do corpo de Clara, vestida de noiva, sendo arrastada pelas águas do rio, também sem oferecer resistência. Uma cena com poucos diálogos, acrescenta recursos sonoros à representação: trilha melancólica em voz feminina, que apenas solfeja. Essas cenas se intercalam até que, no fim Clara estende a mão, em pedido de socorro, sob as fortes águas da cachoeira, conforme Imagem 3.

Imagem 3: Gael estupra Clara



Fonte: Telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

Clara, com o dia amanhecendo, vai para a varanda e olha entristecida para o horizonte, enquanto segura o buquê e o rosário que carrega como única memória de sua mãe. Se senta a escada, e chorando, se lembra dos bons momentos com Gael. Em seguida, despedaça o buquê e joga no rio. Gael se levanta e senta ao lado dela. A olha arrependido e pede desculpas. Diz que a ama muito e que a desejava tanto que não pode esperá-la e que não foi carinhoso como ela merecia. Ela o olha decepcionada e afirma que esperou muito por aquele momento e que não imaginava que seria assim. Abre a camisola e mostra as marcas que ele deixou em seu braço. Diz que não sabe o que é receber carinho porque foi criada pelo pai e pelo avô que não sabiam demonstrar afeto, mas que imaginava que receberia carinho de seu “príncipe gentil”, aquele para quem ela disse sim, conforme Imagem 4.

Imagem 4: Clara e Gael após a agressão



Fonte: Telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

Ele beija o braço ferido, pede desculpas mais uma vez e diz que vai mostrar a ela que pode ser o seu príncipe gentil. Por um tempo permanece o silêncio, então ele a convida para tomar banho, arrumar as malas e diz que vai apresentá-la o mar. Ela se encanta, sorri, eles se beijam e a cena se funde em um sobrevoo sobre o mar, terminando na praia do Rio de Janeiro, onde ocorre a lua de mel.

Imagem 5: Gael se desculpa com Clara e ela o perdoa



Fonte: Telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

Assim, a análise a seguir se dará a pela observação da cena, descrita a acima, e levando em conta os diálogos e os recursos audiovisuais.

3.3 O que está acontecendo aqui? Estupro marital ou obrigação conjugal?

O conceito de Enquadramento tem sido frequentemente utilizado pe-

las disciplinas do campo das ciências humanas para análises de objetos empíricos. Por ser um relevante método, a análise de enquadramento pode ser aplicada em análises de variados objetos, entre programas de TV ou até mesmo uma conversa entre duas pessoas. Baseado na perspectiva situacional, com bases pragmatistas, Goffman (2012) propôs o enquadramento como sendo o que possibilita em uma dada situação responder a pergunta: “O que está acontecendo aqui?”. Para ele, as leituras dos quadros de sentido acontecerão de maneiras diversas a depender do papel de cada sujeito dentro de uma atividade. Dessa maneira, os indivíduos, ao entrar em uma situação devem compreender o quadro que a delimita e, assim, se decidirem como se posicionar frente a ela. É a mobilização destes quadros que é chamada de enquadramento (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2015, p.136).

A partir do entendimento de que em uma dada situação vários quadros podem ser convocados e até sobrepostos, Goffman salienta que para organizar as experiências é possível isolar alguns quadros básicos da cultura. Para isso, ele propõe uma caracterização dos quadros: 1) quadros primários (com aplicação mais imediata e direta em uma cultura, permitindo que o indivíduo situe, perceba, identifique e rotule ocorrências a partir da existência de uma intersubjetiva coletividade); 2) o conceito de *key* (que são os conjuntos de regras e convenções que transformam as situações, atualizando os quadros primários) (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p.190); 3) e o conceito de *footing*, importante para pensar os posicionamentos dos sujeitos dentro da interação, sendo construído e transformado a partir dos discursos, e ligados aos enquadres dos acontecimentos.

Assim, a escolha da análise da situação interativa (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), baseada no conceito de enquadramento (GOFFMAN, 2012), como operador analítico tem como objetivo olhar para as representações da violência doméstica dentro da telenovela e buscar compreender como os atores sociais, sejam as personagens, o autor, os recursos discursivos, mobilizam os quadros e se posicionam frente a eles para conformar a situação interacional. Segundo Mendonça e Simões, “ao elucidar o modo pelo qual diferentes atores se posicionam em face dos outros, tal vertente possibilita investigar o permanente trabalho de cristalização, atualização e transformação das regras e convenções que balizam as interações, atualizando valores e normas sociais” (2012, p. 195). Esta perspectiva é relevante para o objetivo deste estudo.

Partindo da articulação teórico-metodológica delineada, ao olhar para a situação interativa proposta na cena, é possível destacar alguns achados

na representação da violência sexual, assim como destacar valores e papéis sociais associados.

Clara e Gael se conhecem em um campo de capim dourado, no primeiro capítulo da telenovela. Já no segundo capítulo, eles decidem se casar. Aqui inicia o acontecimento proposto nesta análise. A obra enquadra claramente a cena de um casamento com todas as suas expectativas: cenário com um altar, noivos felizes, vestido de noiva, ternos, vestidos de gala, convidados se divertindo e todo um imaginário de amor do “felizes para sempre”, presente em nossa cultura. Aqui os papéis de marido e mulher e o valor do amor estão em evidência. Sendo estes papéis e valores compartilhados e enraizados culturalmente, é possível acionar este quadro com maior clareza.

Apesar de já serem apresentadas desde o início da trama as personalidades marcadas de todos os personagens, a obra retoma neste momento a agressividade de Gael, como uma maneira de colocar em foco sua referência de masculinidade muito marcada pelo machismo. É possível perceber esta marca quando, durante a festa, Gael interrompe a conversa de Clara e Renato para demarcar um lugar de seu “dono”. Clara, durante toda a cena, se apresenta de maneira muitas vezes permissiva, tentando apenas contemporizar o conflito. Neste momento, a trama opta pela construção de personagens que reforçam o conceito de família tradicional, uma masculinidade agressiva e uma feminilidade submissa. Considera-se importante esta introdução da cena como forma de explicitar a situação conformada pela telenovela e suas expectativas, de maneira que estas colaborem com o enquadramento da cena de violência sexual.

Após a festa de casamento, o casal se dirige para o local onde passarão a primeira noite após o “sim”. Acionando quadros primários presentes no imaginário social, é possível afirmar que a obra enquadra claramente a situação como uma “noite de núpcias”, com todas as suas expectativas. Um casal feliz e apaixonado que se dirige ao local onde acontecerá a primeira noite de amor. O local totalmente preparado, com um “ar romântico”, espera uma cena de amor para selar o casamento. A embriaguez de Gael é utilizada como recurso para a virada da cena. Contudo, se apresenta como um ponto negativo, pois ela, de certo modo, pode ser também entendida como uma “justificativa” para seus impulsos violentos, como uma espécie de perda da razão e libertação de uma animalidade presente no ser humano, especialmente no homem. Essa ideia de “permissão” para a prática da violência exercida por homens encontra raiz no patriarcado, mesma base

de conformação de nossa sociedade, onde as práticas sexistas tentam sustentar a premissa de que homens são superiores às mulheres e que a virilidade carrega em si a violência como uma de suas características principais. Nesse sentido, bell hooks (2018) promove discussão rica sobre a problemática da violência doméstica ao ampliar o conceito para violência patriarcal, o que segundo a autora, daria conta de contemplar todas as violências que ocorrem no lar, e a conclusão de que esta violência, tão enraizada no mundo, só encontrará fim quando o sexismo for superado. Assim, ela entende por sexismo qualquer prática que se baseie no patriarcado para sustentar o poder dos homens sobre as mulheres, crianças e demais sujeitos que não carregam comportamentos que se enquadrem no conceito hegemônico de masculinidade.

Clara, com sua feminilidade e sensualidade, conduz a cena ao momento do amor. Gael, com sua embriaguez e impulsividade, apressa a cena ao ato “selvagem”, desconsiderando as expectativas de Clara para esta noite, satisfazendo apenas a sua vontade. A partir daí, a telenovela busca demonstrar um ato de violência sexual ao apresentar uma cena bastante agressiva: Gael, fazendo uso de força, rasga o vestido de Clara, estrangulando-a; desconsidera o medo e a necessidade de carinho e acolhimento da esposa; ignora os pedidos dela para que parasse com aquela situação, a joga sobre a cama com violência e a estupra, saciando apenas o desejo sexual masculino. Assim, é possível afirmar que a telenovela enquadra a cena como estupro marital, apesar de não haver outros recursos que tornem o quadro mais explícito como, por exemplo, algum personagem elaborar verbalmente o estupro ou algum recurso em off, como o caso das agressões físicas, em que há menção à Lei Maria da Penha. Essa leitura se torna possível ao acionarmos alguns quadros primários com base na Lei Maria da Penha, que conceitua o crime de estupro nas relações familiares: qualquer ação que obrigue a mulher à prática sexual por meio do uso da força, coação e ameaça, o impedimento do uso de métodos contraceptivos ou qualquer outra ação que limite ou anule seus direitos sexuais e reprodutivos, e a comercialização ou disponibilização da sexualidade contra a vontade da mulher. Neste caso, o uso da força.

Em relação ao posicionamento das personagens (*footing*), ainda que a cena represente uma situação de estupro marital, não podemos afirmar que tanto Clara quanto Gael a definem como estupro, nem qualifiquem Gael como agressor e Clara como vítima, dentro da situação interativa. Esse sen-

tido se complementa quando, na cena seguinte, é demonstrada a frustração de Clara, pela falta de carinho e cuidado, salientando que Gael deixou marcas em seu corpo, e a decepção por não ter visto seu “príncipe gentil”. Neste momento, ele se desculpa e apenas diz que “a desejava tanto que não pôde esperá-la”, demonstrando que Gael não percebe a situação como violência, mas sim como um ato apressado.

Nesse sentido, para esta leitura, não podemos desconsiderar a colocação espaço-temporal da cena. Considerado o contexto à época em que as personagens viveram a situação, no ano de 2007, a possibilidade de desconhecimento da Lei permitiria que Clara e Gael não enquadrassem a situação como crime de estupro, já que a Lei havia sido promulgada pouco tempo antes, em agosto de 2006. O fato de que todos nós, homens e mulheres, somos socializados no contexto do patriarcado e, por este motivo, podemos ter comportamentos sexistas e enxergarmos o emprego da violência como conduta aceitável para controle social (HOOKS, 2018), poderia sustentar essa ideia de que eles reconhecem como violência, mas não exatamente como crime, já que as mulheres, sendo “propriedades” de seus maridos, e essa violência tendo sido empregada dentro do lar, tiraria qualquer caráter criminoso e passaria a ter caráter educativo, protetor ou apenas característico do homem, a depender da situação.

A cena também dá conta de demonstrar uma quebra de expectativa e sugere a morte do ideal da noite de núpcias romântica. Recursos visuais e sonoros colaboram nesta representação: durante o estupro, imagens, embaçadas e confusas, se alternam entre a expressão de pavor de Clara, o prazer de Gael, e cenas de Clara, vestida de noiva, sendo “engolida” pelas águas do rio, sem conseguir se desvencilhar. Como recurso sonoro, é possível ouvir os gemidos de dor de Clara e seus pedidos de que ele pare, a respiração ofegante de Gael e uma trilha melancólica. As cenas de desespero de Clara, do prazer de Gael e do afogamento de Clara se intercalam até o fim, tendo como última cena Clara, vestida de noiva, deitada sob a cachoeira, estendendo a mão em pedido de socorro. Assim, a inércia de Clara frente a agressão do marido e frente à violência das águas do rio representa também a inércia e incapacidade de muitas mulheres de perceberem uma situação de violência sexual dentro do casamento e até mesmo de se entenderem como vítimas, já que, muitas vezes, é inimaginável que aquele que deveria ser a representação do amor se transforma em um agressor (BIROLI, 2014).

Essa leitura também é proposta por Rocha (2019) ao analisar essa mes-

ma cena pela ótica da experiência visual, articulando as noções de visualidade e especificidade do meio com a análise de estilo televisivo. Para ela, “Clara é consumida pela água, assim como o ato sexual é consumido à força pelo marido” (2019, p. 13). Essa referência se torna importante na leitura ao evidenciar a importância e a força que as imagens apresentam na produção de sentido sobre essa violência, em uma cena com muitos recursos visuais e pouco diálogo. Dessa forma, esta análise corrobora os achados propostos pela pesquisadora que evidencia que “este trânsito entre a proximidade e a distância da imagem pode contribuir para o enfraquecimento das identidades cristalizadas e também para o questionamento de velhos preconceitos e hábitos, como o machismo e a violência doméstica, antes tão naturalizados entre nós” (2019, p. 23).

Outro ponto importante na representação da violência nesta cena se dá na reverberação entre as personagens, após o estupro. A telenovela representa a aceitação de Clara, assim como de muitas mulheres, de que ao homem não é reconhecida a capacidade de dar carinho, quando ela diz que foi criada pelo “pai e pelo avô que nunca souberam dar carinho a ela”, mas que esperava que fosse diferente com ele, seu “príncipe gentil”. Esse fator pode ser associado a uma característica fortemente presente em nossa sociedade, em que traços machistas ainda estão muito marcantes na criação dos meninos. Ainda que a maioria destes meninos sejam educados por mulheres, é importante lembrar que as mulheres também foram socializadas nesse contexto sexista, o que reflete em preceitos igualmente sexistas na criação destas crianças. Nesse sentido, é importante pensar mas uma vez, que o combate a violência doméstica vai encontrar mais força quando maior for a disseminação de uma educação feminista (HOOKS, 2018). Além disso, ainda estão muito presentes em nossa cultura ideias como “homem não chora”, “homens têm que resolver tudo com violência”, “mulher não manda em homem”, e que o cuidado é característica feminina, de competência das mulheres que cuidam dos seus e dos outros, como criticado pelos estudos de gênero (BIROLI, 2014).

Contudo, é importante observar que o baixo índice de entendimento⁷ da Lei Maria da Penha acaba permitindo que esta construção de sentido

7 Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2018) revela que 99% das pessoas já ouviram falar sobre a Lei Maria da Penha, mas apenas 25% sabem conhecem bem sobre a Lei. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasileiros-acham-lei-maria-penha-pouco-eficaz>. Acesso: 12/01/2020

sobre o estupro marital fique em aberto para a audiência que pode, ou não, entender a cena como violência doméstica ou apenas uma dentre muitas situações de impulsividade pelo desejo sexual, permitida socialmente apenas aos homens.

O perigo de deixar a cena em aberto se encontra no fato de que uma situação de estupro marital, muitas vezes, é difícil de ser identificada pela vítima, além de exigir muitos requisitos para comprovação junto à justiça. A ideia de casamento como contrato sexual⁸, associada ao conceito de débito conjugal, que coloca a relação sexual como obrigatória entre homens e mulheres em condição do casamento, ainda é responsável por uma baixa capacidade de reconhecimento da situação de violência sexual no matrimônio e até mesmo pelo desencorajamento da denúncia por estas mulheres vítimas de violência doméstica. Sendo a violência doméstica por muito tempo encarada como algo de ordem privada, falar sobre estupro dentro do casamento era algo impossível, já que o direito ao corpo era entendido como algo adquirido pelo marido com o casamento (BIROLI, 2014).

Dessa forma, a força da imagem associada às produções de sentido a respeito do crime de estupro, especialmente ao acionarmos os quadros primários e suas atualizações (key) propostos pelo conhecimento da Lei Maria da Penha, permitem responder a pergunta “*o que está acontecendo aqui?*”: esta cena representa um estupro marital. Assim, ao representar uma violência sexual contra a mulher, representa também essas mulheres que vivem esse tipo de situação violenta, mas que muitas vezes não conseguem reconhecê-la como estupro ou que até aceitam a violência por medo de outras punições.

Importante considerar, por fim, que no contexto geral da obra, ao analisar para além desta cena, é possível encontrar uma evolução na representação do estupro marital, já que a telenovela volta a elaborar a violência em uma discussão entre o ex-casal no capítulo do dia 05/01/2018, já na segunda fase, em 2017, em que Clara está mais ciente de seus direitos.

Assim, enquanto parte do tecido social e partícipe dos debates e das construções de sentido, propostos pela linguagem audiovisual, quando em

8 Carole Pateman define o contrato sexual como aquele que determina a sujeição das mulheres aos homens e que cria uma sociedade onde os homens são livres e iguais e as mulheres como detentoras de uma liberdade alienada pelo contrato do casamento Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Z8RkRcXTyxwPPMzwQCBKmrX/?format=pdf&lang=pt>

interação com a audiência a telenovela apresenta alguns quadros de sentido que permitem elaborar significados e reconhecer as representações da violência sexual.

4 CONSIDERAÇÕES

As representações propostas pelas telenovelas podem ser reconhecidas como espaço importante para promover o debate de assuntos de interesse público e, muitas vezes, complexos em sua elaboração. Colaboradora dessa produção e circulação de sentidos em nossa sociedade, as telenovelas brasileiras carregam em si o reconhecimento da relevância de seu papel na cultura contemporânea pela sua característica de ser uma telenovela social.

Construindo e compartilhando significados com a sociedade, a telenovela *O Outro Lado do Paraíso* foi capaz de colocar em evidência a temática da violência doméstica no horário nobre nacional. Contudo, é preciso considerar que às limitações do estilo televisivo e suas intenções de entretenimento, podem não dar conta de elaborar sentidos mais complexos ou até mesmo promover debates mais profundos, com reflexos de mudança de comportamento na sociedade, como no caso do estupro marital. Nesse sentido, o uso de temas de tamanha complexidade podem não ser explorados em sua totalidade, servindo apenas como recurso de tensão para a construção narrativa.

Assim, ainda que dentro da narrativa ficcional possam ser reconhecidos elementos que substanciam as representações da violência doméstica e permitem enquadrar a cena como estupro marital, algumas limitações narrativas e audiovisuais, quando reelaboradas pela audiência, permitem inferir que a telenovela dá conta de enquadrar o crime sexual, mas também apresenta limitações na configuração desses sentidos dentro da obra. Isso se dá em razão de o crime de estupro marital ser um conceito relativamente recente, o que possibilita inferir que isso dificultaria a identificação dos quadros primários e *key* para apreensão do quadro de violência sexual dentro do casamento.

Importante salientar que mesmo que a obra não produza reverberações desta situação entre as personagens ao longo da trama, no âmbito da recepção da telenovela esta ressignificação pode ocorrer, a partir das referências de conhecimento e das experiências dos sujeitos, sendo este um ponto interessante para novas investigações. Possível afirmar também que a telenovela trouxe substância para a promoção da visibilidade da violência

doméstica contra a mulher, temática tão urgente no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, M. ; BACCEGA, M. **A violência doméstica representada na telenovela A regra do jogo**. Revista Comunicação & Educação • Ano XXI • número 1 • jan/jun 2016 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/110959/112711>. Acesso: 01/07/2018

BARROS, LM. **Recepção, mediação e midiaticização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas**. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & midiaticização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-105. Disponível em <http://books.scielo.org/id/k64dr/pdf/mattos-9788523212056-05.pdf> Acesso em: 21/09/2021

BIROLI, F; MIGUEL, L. **Feminismo e Política**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil - 2ª Edição**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> Acesso: 20/11/2019

FRANÇA, V. LANA, L. SIMÕES, P. G. **GRISpop – Interações midiáticas e práticas culturais contemporâneas**. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B. G.; MENDES, A. M. (Org.) *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2015.

FRANÇA, V. SIMÕES, P. G. **Interação**. In: FRANÇA, V.; MARTINS, B. G.; MENDES, A. M. (Org.) *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2015.

FRANÇA, V; SIMÕES, P. **Porto dos Milagres", diálogo com a realidade social e construção da identidade nacional**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 9, p. 1-17, jul/dez 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3633> Acesso: 25/05/2018

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social. Uma perspectiva de análise**. Ed. Vozes, 2012

HALL, S. **Codificação/decodificação**. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 387-404.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

JAKUSBAZKO, D. **A representação de temas de interesse público na telenovela brasileira: uma perspectiva dialógica para o estudo da ficção audiovisual**. Alexa Cultural: Embu das Artes/SP; EDUA: Manaus/AM, 2019

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. **Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito**. RBCS, v. 27, n. 79, p. 187-201, jun./2012. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcSOC/v27n79/a12.pdf. Acesso: 30/04/2018.

O Outro Lado do Paraíso: personagens. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/personagem/>. Acesso: 04/07/2018

ROCHA, S.M. **A EXPERIÊNCIA TELEVISIVA ENTRE A MAGIA DO VER E A MÁGICA DA IMAGEM:** uma análise do tema da violência contra a mulher em O outro lado do paraíso. XXVIII Encontro Anual da Compós, PUC Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14/06/2019

SIMÕES, P.G. **Mulheres Apaixonadas e outras histórias:** amor, telenovela e vida social. 232f. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2004.

Violência doméstica contra a mulher na pandemia. Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva. Brasil, 2020. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-domestica-contra-a-mulher-na-pandemia-instituto-patricia-galvao-locomotiva-2020/> Acesso: 21/04/2021

Danielle Silva Peixoto

Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e gestora ambiental na Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais. Membro do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG).

E-mail: daniellespeixoto@gmail.com